



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

LITERATURA AFRO-FEMININA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI: CORPO, VOZ, POESIA E RESISTÊNCIA.

Amanda Crispim Ferreira (PG –UEL)

Luiz Carlos Ferreira de Melo Migliozi (UEL)

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar considerações em torno da escritura afro-feminina brasileira no século XXI, por meio da análise de poemas de Cristiane Sobral, a partir de uma reflexão sobre as produções de mulheres negras do século XX, a fim de percebermos as relações existentes nessas escrituras. Apesar de surgida no século XIX, com a obra *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, acredita-se que essa escrita só ganha visibilidade a partir de 1960, com a publicação de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus e fortalece-se nos anos de 1970, com o surgimento dos *Cadernos Negros*, publicação anual e coletiva de textos literários afro-brasileiros. Dentre as autoras dos *Cadernos*, encontramos Conceição Evaristo, que estreou na literatura na década de 1990 e, desde então, colaborou para a solidificação da literatura afro-feminina, uma voz que resulta de um não-lugar, pois apesar de ser produzida por mulheres negras, muitas vezes se depara com um movimento negro machista e um feminismo racista. Sendo assim, ela nasce de um desejo de resistência e de reivindicação. Resistência a uma representatividade negativa e estereotipada da mulher negra na literatura brasileira canônica e reivindicação de direitos, principalmente o direito de ter voz.

Palavras-chave: Literatura afro-feminina. Mulher negra. Intertextualidade.

Pensar a escrita afro-feminina é pensar um movimento, em um ato de resistência. Acredita-se que teve seu início em 1859, com a publicação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Digo acredita-se, porque não se pode negar que, provavelmente, outras mulheres negras escreveram antes de Firmina, mas não temos notícia, visto que no século XIX, era, praticamente, impossível uma mulher poder escrever em um jornal ou publicar um livro. Um exemplo claro dessa situação, é o próprio *Úrsula*, que foi lançado sob o pseudônimo de “uma maranhense”. O romance aborda não só a questão feminina, mas também a negra, por fazer a forte crítica ao patriarcado e também uma denúncia do tráfico negreiro. Assim, tal obra é um marco, que empenhou-se em “destronar a autoridade do falo-etno-euro-centrismo” (ZOLIN, 2009, p.329).

Úrsula inaugurou a presença da mulher negra na Literatura Brasileira/ afro-brasileira enquanto sujeito de sua história, porém, enquanto objeto, ou seja, personagem, esta já visitava os espaços literários brasileiros desde o Barroco, com Gregório de Matos. Neste momento, a representação da mulher, ou melhor, da mulher negra, pelas lentes do poeta brasileiro, apresentava uma visão estereotipada (dócil, destituído de vontade, de voz e como objeto manipulável) e zoomorfizada (bicho fera, besta domesticado), nunca humanizada.

Assim como Gregório de Matos, outros nomes da Literatura canônica brasileira reforçaram essa visão, como José de Alencar, com suas “morenas ardentes” e “escravas dóceis e manipuláveis”, Aluísio de Azevedo, com suas Ritas Bahianas e Bertolezas, Jorge Amado, com suas Gabrielas, Terezas Batistas, Tietas do Agreste, e tantas outras mulatas assanhadas, objetos sexuais de homens brancos, escravas boas, negras estereis ou como disse Eduardo de Assis Duarte (2010) “mulheres marcadas” de nossa Literatura. As estereotípias culminam com a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre em 1933, em que o autor reforça a ideia, talvez inconscientemente, da mulata boa de cama, e apresenta-nos o mito da “democracia racial”, alegando que a miscigenação em nosso país ocorreu de forma amigável entre negras e portugueses, com relações consentidas por ambas as partes e não por meio da violência do estupro. Sobre a influência da obra de Freyre na composição de tal mito e na realidade atual da mulher negra brasileira, citamos Nascimento (2006):

Transcorridos sessenta anos desde a publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, o mito permanece atuante. Sua versão atualizada configura-se, hoje, na mulata tipo exportação, novo produto brasileiro na praça; antes eram exportados açúcar, ouro, café, etc, hoje se exportam corpos: o novo ciclo de comercialização, a mais recente retificação da mulher de cor. (NASCIMENTO, 2006, p.49).

Assim, configurava-se e ainda configura o retrato da mulher negra em nossa Literatura. O objetivo da literatura afro - feminina, portanto, é romper com todos esses estereótipos e propor novas histórias, novos olhares, por meio de novas vozes.

Considerações em torno da literatura afro - feminina

O século XX, mais precisamente a partir da década de 60, abrigou a efervescência dos movimentos sociais no Brasil. Além do movimento dos trabalhadores, o negro e o feminista ganharam força, influenciando nossa sociedade e conseqüentemente nossa

Literatura. Dentre as grandes conquistas desses movimentos, o direito a palavra foi um dos mais significativos, já que esta é a maneira que temos para acessar o mundo. A escrita afro - feminina, que é o objeto a que vamos debruçar, é um elemento comum a esses dois movimentos, negro e feminista, pois aborda a questão étnica e a questão de gênero. Porém, ao propormos este estudo, precisamos refletir sobre quem é a mulher negra, que mesmo sendo o ponto de intersecção entre esses dois grupos, não se encaixa em nenhum deles, pois em muitas vezes, o movimento negro mostrou-se machista e o feminista, racista. Sendo assim, em nossa sociedade, ser mulher negra reflete um desafio maior do ser mulher branca, ou um homem negro. José Eugênio das Neves (2009) reflete sobre essa questão citando Bonnici:

Verifica-se então que a situação da mulher colonizada é pior do que a do homem na mesma situação, de vez que sofre uma dupla colonização, política e de gênero, complementando o pensamento do autor acima mencionado (Bonnici), acrescentamos que pode haver uma situação ainda mais trágica: uma tripla colonização, que se verifica no caso das mulheres afro-descendentes que vivem em países colonizados. Neste caso, além da dominação política e de gênero, verifica-se ainda outra ligada ao fator étnico (NEVES, 2009, p. 49)

Por isso, apesar de também sofrer preconceitos, o homem negro e a mulher branca não possuem a sensibilidade para escrever sobre o que é ser mulher negra em nossa sociedade.

Sueli Carneiro, negra brasileira, também aborda essa questão em seu artigo “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero” (S/D), e ao refletir sobre a militância da mulher negra, propõe um feminismo negro, pois percebe que a resistência da mulher negra se difere da mulher branca:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (CARNEIRO, S/D, ...)

Por meio dessas afirmações, podemos perceber o perfil dessas mulheres e assim compreendermos melhor a sua escrita. Mulheres que, desprovidas do rótulo de frágeis,

sempre tiveram que sair às ruas e trabalhar para prover o seu sustento e o de sua família, pois na maioria das vezes, essas não possuem o marido, cabendo a elas essa função, rompendo com a tradição patriarcal europeia e retomando a tradição matriarcal africana. Mulheres que tiveram, desde a escravidão, seus direitos negados, como o direito à maternidade, pois naquela época, seus filhos eram posse do senhor de escravos e seu peito era para alimentar os filhos dele e não os seus. Hoje, a maioria das mulheres negras ainda precisa deixar seus filhos para cuidar dos filhos das patroas. Outro direito ainda refutado é a posse do próprio corpo, que durante anos serviu ora de “fábrica de novos escravizados” ora de objeto de satisfação sexual do senhor e que por isso, ainda é exposto ou violado. Basta vermos os corpos quase nus que se exibem, com certa naturalidade, na TV e a taxa de mulheres negras estupradas no Brasil.

A literatura afro – feminina , além de, denunciar essa situação pela qual ainda estão submetidas às mulheres negras, revela quem é esta mulher, que está em constante busca por seus direitos, desde aqueles considerados os mais básicos, como o direito ao pão, à moradia, ao trabalho e até aqueles considerados mais “complexos” como o direito à fala, à maternidade, ao corpo, à sexualidade, ao estudo, à afro-brasilidade, à ancestralidade, à religiosidade, à memória, à poesia, à família, ao amor. São textos que possuem a marca da escrevivência, ou seja, escrita da existência. A escrita é fruto de suas experiências de vida. É resultado daquilo que viveu, viu ou ouviu. É um texto que se posiciona, não é neutro. Tem cor, sexo, posição social. Cito Conceição Evaristo:

Sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205, grifo da autora).

Sendo assim, a escrita de mulheres negras procura ressignificar palavras e valores distorcidos pela Literatura canônica. Desconstrói estereótipos, renuncia a todas as verdades que lhes foram impostas e “liberta” as novas gerações destas, por meio do questionamento e reconstrução da autoestima. Recupera o seu passado, lambuza-se em

mares negros, e assume o seu reinado em Benguela¹ e em terras brasileiras. Rompe com as Ritas Bahianas e Tietas, e, assumindo o movimento da escrita, apresenta a sociedade as verdadeiras mulheres negras, seus sentimentos, suas lutas, paixões, conquistas e reivindicações.

A *escrevivência* de Cristiane Sobral: heranças de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo

Cristiane Sobral é atriz, escritora e professora. Nasceu na década de 1970, num bairro da periferia do Rio de Janeiro. Criada sob influências da cultura afro-brasileira, que recebera por meio de seus pais e demais familiares, a autora foi aos poucos tornando-se negra, não apenas pela cor da sua pele, mas aderindo a cultura negra como um todo, por meio de um processo de autoidentificação. Encontrou no teatro o lugar para a reflexão sobre a identidade negra, para o questionamento dos padrões eurocêntricos e para o fortalecimento de sua identidade. Em 1990, mudou-se para Brasília, cidade onde encontrou diversas possibilidades de atuação e por isso, decidiu fixar residência. Em 1998, formou-se como a primeira aluna negra graduada em Interpretação Teatral pela UNB e desde 2000, publica poemas e contos na Antologia *Cadernos Negros*, além de publicações exclusivas como *Não vou mais lavar os pratos* (2010), *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011) e *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014).

Cristiane Sobral é hoje uma das representantes da, se assim podemos nomear, “nova era da escrita afro-feminina”, que apesar de retomar o projeto literário histórico-filosófico de suas ancestrais, ampliam suas discussões para temas atuais como a sexualidade, a identidade, o fazer poético e o lugar da mulher negra na sociedade contemporânea. Além dos suportes, que hoje não se restringem mais ao papel, mas vão do palco à tela do computador, *tablets* e celulares. Cito Duke:

As escritoras mais jovens não procuram esquecer o propósito maior de alinhar-se com uma estética negra do Brasil. De fato, cada nova geração se inspira nas anteriores. Ao mesmo tempo, as escritoras mais jovens podem testemunhar os logros ao observar que, com cada palavra e com o passar do tempo, conseguem empurrar mais para trás aquela herança dolorosa original, num grande esforço grande de fazê-la desaparecer por completo, abrindo espaço para novas visões e atuações na história e cultura brasileiras. O valor, no seu discurso, está na sua capacidade

¹ Referência ao poema “Coração tição” de Ana Cruz. *E... feito de Luz*. 1997, p.31.

constante de reescrever a história da nação e da mulher, ao seu modo.
(DUKE, 2016, p.13)

Neste sentido, quando lemos os textos das jovens autoras, podemos enxergar em seus escritos um misto de passado e presente, ou seja, sabemos que o contexto atual é diferente do antigo, que fora marcado por seus ativismos negros e feministas, mas, apesar disso, a literatura atual “expressa algumas das mesmas preocupações e questionamentos de justiça, direitos iguais, desigualdade econômica e cidadania daquela época formativa de conscientização.” O que, na realidade, podemos dizer que diferencia esses textos (precursores e contemporâneos) é justamente o enfoque do “grito” dessas mulheres, isto é, o que busca a escritora negra atual? O que ela reivindica?

Se olharmos para trás e observarmos a obra de Carolina Maria de Jesus, escritora que ficou conhecida em todo mundo em 1960, com publicação de *Quarto de despejo*, perceberemos uma literatura marcada por profunda dor e agonia, um discurso agressivo, “evidência do desespero e sensação de aprisionamento que, as duras penas, a narradora procura descrever. Trata-se de uma literatura de realismo social que se inspira na paisagem local da favela, da fome rural, dos espaços urbanos de privação e crime.” (DUKE, 2016, p.19). O contexto de extrema falta vivido pela pioneira Carolina Maria de Jesus, justificava um discurso duro, brutal, revelando e denunciando as situações precárias da população que vivia às margens, como os favelados, crianças e as mulheres negras. Sua reivindicação era por alimento, pelo exercício da cidadania, pela voz e libertação. A escrita para Carolina é uma questão de sobrevivência. Primeiramente, sobrevivência psíquica e depois, com o sucesso de suas obras, sobrevivência material. Carolina escrevia para passar a fome, escrevia para liberar a raiva, escrevia para descansar, escrevia para se conhecer, enfim escrevia para viver:

Escrever para Carolina era uma necessidade vital. Não uma fuga da realidade, cujo lado mais cru ela descreve e enfrenta com galhardia, mas um refúgio, um amparo. Como se pudesse, por um momento tronar-se independente da favela. Escrever é, ainda, meio de se conciliar consigo mesma e talvez entender melhor o que lhe vai na alma. Manter emoções à distância e melhor dominá-las. Para afrontar a discriminação e a fome, a escrita, salto criativo, oferecia um bálsamo. (...) Escrever para superar a fome, escrever para suportar a opressão e a indignidade. Escrever para tentar sair da imobilidade. (...) No registro puramente psicológico, escrever era para Carolina uma fonte de prazer, da ordem da sublimação. Canalizando sua energia para essa atividade tão criativa e valorizada socialmente, estruturava-se psiquicamente, reelaborava a experiência traumática e talvez superasse. Daí o caráter vital dessa atividade. (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 108)

Já Conceição Evaristo, autora que estreou na literatura nos anos de 1990, também cresceu em uma favela e se inspirou em Carolina, para acessar a escrita. Para ela, Jesus era esperança de dias melhores para mulheres como ela, um exemplo de mudança real, concreto, em uma época em que isso não era possível.

Contudo o contexto das autoras e a relação que elas tinham com o espaço da favela eram diferentes. Quando lemos os textos de Conceição, percebemos que a favela é seu lar e que os favelados fazem parte da sua história, da sua família. É o espaço pelo qual a autora se constituiu e formou sua identidade. Diferentemente de sua precursora, a autora coloca-se como porta-voz desse povo marginalizado. E, por meio de sua escrita, a literatura afro-feminina vai afastando-se do teor agudo e combatente de Carolina Maria de Jesus, para “promover uma solução à angústia interna de Ponciá, sugerindo que seu renascimento como mulher inteira seja possível por meio do seu reencontro com forças sublimes que carrega dentro dela mesma como afrodescendente.” (DUKE, 2016, p.25). A escrita para Conceição Evaristo é uma forma de manifestar suas angústias, pois para ela, a arte em geral é uma forma de suportar o mundo e como ela não possui outras habilidades artísticas além da Literatura, argumenta: “Escrevo porque não sei dançar nem cantar. Não tenho outras formas de manifestar minhas angústias... Se não escrever, adoço.” Declarou em uma conferência com alunos da graduação em Letras da UFMG, em maio de 2012.

Cristiane Sobral retoma tanto a questão social, quanto a existencial apontadas por suas precursoras. E, ademais a esses pontos, a autora traz uma reflexão sobre os anseios da mulher negra na atualidade. Sobral, que provavelmente não morou na favela, nem passou fome, apresenta em seus escritos outras fomes. Seu lugar de fala é outro, não é o mesmo de suas precursoras, contudo, parte deles. A voz de Sobral revela um outro tipo de luta, não mais contra a fome ou por uma moradia digna ou pelo direito de ser mulher e mãe, mas pelo direito a uma profissão, a um relacionamento afetivo verdadeiro, a assumir a sua identidade negra ou a não mais lavar os pratos, como denunciou em seu poema “Não vou mais lavar os pratos”:

Não vou mais lavar os pratos

Nem vou limpar a poeira dos móveis

Sinto muito. Comecei a ler

Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi

Não levo mais o lixo para a lixeira

Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal

Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos

a estética dos traços, a ética

A estática

Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante
Sinto
Qualquer coisa
Não vou mais lavar
Nem levar.
Seus tapetes para lavar a seco
Tenho os olhos rasos d'água
Sinto muito
Agora que comecei a ler, quero entender
O porquê, por quê? E o porquê
Existem coisas
Eu li, e li, e li
Eu até sorri
E deixei o feijão queimar...
Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
Considere que os tempos agora são outros...
Ah,
Esqueci de dizer. Não vou mais
Resolvi ficar um tempo comigo
Resolvi ler sobre o que se passa conosco
Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi
você foi o que passou
Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto
Desalfabetizou
Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira
Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá
Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis
Não tocarei no álcool
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
Meu tênis do seu sapato
Minha gaveta das suas gravatas
Meu perfume do seu cheiro
Minha tela da sua moldura
Sendo assim, não lavo mais nada
e olho a sujeira no fundo do copo
Sempre chega o momento
De sacudir, de investir, de traduzir
Não lavo mais pratos
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
Em letras tamanho 18, espaço duplo
Aboli
Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata, cozinhas de luxo
E jóias de ouro
Legítimas
Está decretada a lei áurea.
(SOBRAL, 2010, p. 23)

O poema, além de apontar a questão social, retomando as denúncias de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, apresenta outra situação, os relacionamentos abusivos pelos quais se submetem as mulheres, na maioria das vezes, negras. Podemos dizer que, isso acontece, devido a persistência dos modelos de relações herdadas no período da escravidão, na qual as mulheres negras não eram consideradas “boas para casar”, que permeia a nossa sociedade e comanda os relacionamentos até hoje. O resultado, é o que podemos chamar de “solidão da mulher negra”, quando percebemos um grande número de mulheres negras sozinhas, ou quando não estão sozinhas, se “contentam” com relacionamentos extremamente violentos em todos os sentidos. O eu lírico, ao acessar a escrita, liberta-se não somente da obrigação do serviço doméstico, mas do relacionamento afetivo, que não a satisfaz. A literatura/a leitura abriu-lhe os olhos e ele percebeu que poderia ser bem mais feliz, separando o tênis do outro do seu sapato.

Carolina, em vários momentos abordou a questão da solidão da mulher negra, contudo Cristiane, reivindica não só um marido, um homem que a ajude a manter a casa e os filhos, mas, acima de tudo, respeito, amor, orgasmo e “joias de ouro legítimas”. No poema “Sonho de consumo”, o eu lírico aponta que além de cuidado, compreensão e atenção, o homem que quiser estar ao seu lado, precisa “aceitar” a sua identidade negra, ou seja “de cabelo trançado”, pois ela não irá se “embranquecer” para ser aceita. Aqui, Cristiane revela sua outra preocupação enquanto escritora negra, que é o fortalecimento da identidade afro-feminina, movimento característico dessa nova geração de escritoras.

Por fim, outro elemento, também retomado e reforçado nas escrevivências atuais é justamente o tema da voz. Tema, abordado por Carolina em 1960, por Conceição em 1990 e retomado em 2011, no poema “Voz”, de Sobral:

Ao escrever procuro palavras
Como quem monta um quebra-cabeça,
Num exercício de imaginação e sensibilidade
Escrever é meu grito de liberdade.
(SOBRAL, 2010, p.123)

Os quatro versos de Cristiane Sobral dialogam com “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo, publicado primeiramente nos Cadernos Negros e posteriormente na sua Antologia, *Poemas da recordação e outros movimentos*, em 2008:

A voz da minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2008, p.27)

No poema de Evaristo, o eu lírico traça o percurso das vozes das suas ancestrais, através das estrofes do poema, que ecoaram desde o navio negreiro, depois nas favelas, nas cozinhas alheias até chegar na sua voz, que embora acesse a escrita, ainda ecoa versos perplexos, com rimas de sangue e fome. Ou seja, ainda que a escrita fosse possível, era difícil, assim como foi para Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Por fim, no último verso, quando o eu lírico fala da voz da sua filha, aponta que esta “recolhe em si todas as vozes, recolhe em si, as vozes mudas, caladas, engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz da minha filha se fará ouvir a ressonância, o eco da vida - liberdade.” No último verso de Conceição podemos ver a escrita de Cristiane Sobral, que hoje, pode falar, graças ao caminho já aberto por suas precursoras.

Considerações finais

Podemos dizer que a escrita de si, para as mulheres negras, é um ato insubordinado, corajoso. É um movimento de encontros, reconhecimentos, superações. É um processo de escolhas, pois há uma responsabilidade com aquele a quem se representa e com aquele para quem se escreve. Neste texto, na história que se escolhe expor, a experiência que se decide publicar, outras mulheres devem se encontrar, se identificar, e há outros que devem se incomodar:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa – grande” e sim para incomodá-los de seus sons injustos. (EVARISTO, 2007, p. 20, grifo da autora).

Sendo assim, escrita afro-feminina é resistência. Movimento vem incomodando que desde o século XIX e abrindo caminhos para outras mulheres reconhecerem negras, reivindicarem seus direitos, principalmente o direito a voz.

Referências

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. *Muito bem, Carolina!*: biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

CARNEIRO, Sueli. “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero”. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf> acessado em 22/10/2014 às 19:40hs.

CRUZ, Ana. *E... feito de Luz*. Niterói: Ykenga Editorial Ltda: 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis “Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade”. In: DUARTE, E.A; DUARTE, C.L; ALEXANDRE, M.M.(orgs). *Falas do outro: literatura gênero, etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA; 2010.p.24-37.

DUKE, Dawn (org.). *A escritora afro-brasileira: ativismo e arte literária*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

EVARISTO, Conceição. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

NASCIMENTO, Gizêlda.M.do. O negro como Objeto e Sujeito de uma escritura. In: *Cultura afro-brasileira, expressões religiosas e questões escolares (Caderno Uniafro v.1)*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.p.56-68.

NEVES, José Eugênio das. “Esmeralda Ribeiro e Lima Barreto: um diálogo sem segredos”. *Terra Roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*. (Londrina) 17-b (dez) 49-59, 2009.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: OI POEMA, 2010.

_____. “Literatura de autoria feminina.” In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana.(orgs). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. P. 327-336.